CORREIO POPULAR
Publicado em 07/10/2022 - 05:53

Sem comprovar vacinação, 1.311 alunos da Unicamp são desligados

Isadora Stentzler
isadora.stentzler@rac.com.br

QUESTÃO DE COERÊNCIA

Unicamp desliga 1,3 mil alunos por falta de vacina

Comprovação de ao menos uma dose era imprescindível para a realização da matrícula

A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desligou 1.311 estudantes desde o início do ano que não tomaram nenhuma das doses da vacina contra a covid-19. Segundo um regimento interno da instituição de ensino, de 2021, a apresentação do comprovante de vacina era imprescindível para efetuar a matrícula. Não há hoje alunos ou professores da universidade sem vacinação comprovada. Os discentes que foram desligados precisarão passar por novo processo seletivo para ingressar novamente na instituição.

Desligados terão que passar por processo seletivo novamente

De acordo com nota da Unicamp, o desligamento ocorreu no início do ano letivo de 2022, no momento da matrícula. A instituição informou ainda que estendeu o prazo várias vezes para que fosse enviado o comprovante de vacinação, porém, a determinação não foi cumprida.

Dos estudantes desligados, 966 eram de cursos de graduação e tecnologia, 8 de de lato sensu e 337 de stricto sensu. A medida foi baseada na Deliberação CEPE A-21/21, que dispõe sobre a obrigatoriedade do comprovante de vacinação contra a covid-19 pelos discentes da Unicamp. No artigo segundo, fica determinado que todos os alunos regulares de graduação, pós-graduação, extensão e dos Colégios Técnicos devem, obrigatoriamente, apresentar a comprovação de, no mínimo, uma dose de vacina contra a covid-19, "previamente e como condição para sua matrícula."

A mesma deliberação determina ainda a perda da matrícula e da vaga no caso de não apresentação do documento. Em nota, a Unicamp esclareceu que a decisão de desligamento passou "por todas as instâncias administrativas e de câmaras que são compostas por alunos, funcionários e docentes".

Atualmente, a Unicamp tem cerca de 35 mil alunos matriculados (graduação e pós-graduação), 1.934 docentes e 6.489 funcionários. Todos, segundo nota da instituição, tem comprovação vacinal de pelo menos uma dose.

Fotos Rodrigo Zanotto

Estudantes circulam no campus da Unicamp, em Barão Geraldo: alunos ouvidos pela reportagem concordam com medida adotada pela instituição

Docente de Infectologia da PUC- Campinas, André Giglio Bueno, considera que a decisão é legítima

Estudantes aprovam

Estudantes da universidade ouvidos pela reportagem do **Correio Popular** concordam com a ação da instituição de ensino. Para eles, a medida segue norma sanitária e garante a proteção a todo o corpo escolar. "Vivenciamos uma situação calamitosa e estamos em uma universidade pública que tem pesquisa de ponta em ciência, saúde e educação e a pessoa não quer tomar a vacina? É antiético da parte desses estudantes. Fora que não faz sentido para um aluno da Unicamp. A vacina garante a segurança para você, para os seus colegas e nos lugares que vai visitar", destacou o estudante de Geologia, Cauê Chaves, de 25 anos.

Devido à pandemia, os estudantes tiveram que assistir às aulas em formato remoto, longe das salas de aula. A vacinação em massa garantiu retorno presencial com segurança. Também do curso de Geologia, Eloise Santos, de 25 anos, citou que, no retorno presencial, foi adotado na universidade um aplicativo para acompanhar o nível de sintoma de cada aluno. Assim, se algum deles apresentasse sintomas, automaticamente, as turmas que haviam tido contato com ele eram isoladas, a fim de evitar o contágio. "Era uma maneira de a gente se sentir seguro e poder voltar ao presencial. E vejo como uma coisa mínima tomar a vacina", frisou.

Para Rebeca Cavalcante, de 24 anos, que cursa Química, a não vacinação para ingressar na universidade coloca em risco os estudantes. "No polo em que estamos inseridos, onde se produz ciência o tempo inteiro, vejo essa falta de adesão pelas vacinas como negligência dos alunos. O Cecom [Centro de Saúde da Comunidade], que é o nosso apoio, oferece as vacinas gratuitamente. Demorou tanto pra aparecer [A VACINA]e quando você tem para tomar o pessoal negligência? Isso é caótico!", criticou.

Cuidados

O professor de Infectologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas, André Giglio Bueno, chama de "coerente" a posição da universidade. "Ninguém tem o direito de colocar as outras pessoas em risco deliberadamente. É legítimo que haja a restrição", sustentou. Ele ainda lembra que, nesta fase que vivemos hoje, em um momento pós-pandêmico, deve-se ao avanço da cobertura vacinal. "Hoje dá para a gente dizer que a transmissão é muito menor do que era nos últimos dois anos. Mas ainda há casos e, possivelmente, esses casos vão continuar ocorrendo em baixa incidência. No entanto, as vacinas foram fundamentais para o controle da pandemia. Se não tivéssemos tido acesso às vacinas, certamente teríamos um número muito maior de casos e, consequentemente, de óbitos. Devemos às vacinas e à ampla cobertura vacinal esse controle da pandemia", avalia.

Mesmo que haja um grande número de pessoas vacinadas e o cenário esteja mais confortável que o vivido há dois anos, ele recomenda que ações preventivas não farmacológicas continuem sendo observadas por pessoas que estejam em condições de risco, como imunossuprimidos, mulheres grávidas e crianças, e que incluem o uso da máscara e evitar aglomeração.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Pagina:** 5

Copyright © Clipclap 2025.